

MARIA RITA

SEMANARIO HUMORISTICO

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTÁVIO SÉRGIO

Director Literária de
JOSÉ D'ARTIMANHA

OCTAVIO SERGIO



A' Esquina do Paraíso



ou a MARIA RITA depois de ter lido os escritos do Sr. Dr. Amílcar de Sousa.

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa.
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO DA MOLHADURA

Formidável certame que a MARIA RITA iniciará já neste número com o gentil concurso da

ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

que oferece ela só os seguintes prémios: **Uma pipa do autêntico vinho da Bairrada; um formidável presunto de Lamego; uma pesadíssima arroba de bacalhau; uma arroba de açúcar bem medida.**

Além disso a MARIA RITA distribuirá mais **cinquenta prémios de valor.**

Plano geral deste concurso

Os prémios deste concurso são num valor aproximado de 1:500 Escudos, **distribuídos com tódia a certeza**, podendo elevar-se quasi indefinidamente desde que os concorrentes o queiram.

Para se concorrer basta fazer-se o seguinte:

O concorrente recortará a senha ao lado e dirige-se a qualquer das **16 adegas** que a Adega Ideal tem abertas no Pôrto, na Foz, em Matozinhos e em Gaia, conforme descrição abaixo. Essa senha ser-lhe trocada por uma outra numerada que dará direito ao sorteio a efectuar pela lotaria de Santo António, em Junho próximo. Por cada senha desta terá ainda direito o concorrente ao abatimento de 50 centavos em cada compra de 5 escudos,

o que equivale a dizer-se que: O concorrente lê a MARIA RITA por metade do preço e fica habilitado a todos os prémios. Além de tódas estas vantagens, a MARIA RITA, porá a disposição de todos os portadores de senhas, tantos prémios quantos as centenas da lotaria de Santo António. Cada um destes prémios tem o valor de 10 escudos.

As senhas respeitantes a este concurso e correspondentes à semana passada e a esta estão desde hoje em distribuição em todos os estabelecimentos da Adega Ideal do Lavrador

Concurso da Molhadura

Senha a apresentar em qualquer dos estabelecimentos da ADEGA IDEAL DO LAVRADOR.

Contra a entrega desta senha, o portador receberá uma outra que lhe dará direito ao sorteio.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 16 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. da Liberdade); Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-194; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Castellan); Telef. 5302; R. da Constituição, 139; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Banharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores); Telef. 905; R. Anselmo Brandão, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A, NA FOZ — R. Senhora da Luz, 233-24; Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Comecemos pelo estrangeiro:

O ministro das Finanças da Itália acaba de comunicar à imprensa que o *deficit* do ano económico a terminar em Julho está calculado em três mil e quinhentos milhões de liras.

Só três mil e quinhentos milhões. Uma bagatela.

E toda a gente a imaginar que o fascismo tinha endireitado aquilo!

Foi baptizada a princesa imperial do Japão, que recebeu o nome de Atsuko Yorinomya. O primeiro apelativo significa *honestidade*. O segundo, *obediência ao marido*.

Se cá pegar a moda dos nomes orientais, recomendamos muito cuidado aos oficiais do registo civil. Atsuko, deixem passar. Mas, a bem da verdade, não consentam que mulher nenhuma se chame Yorinomya. Seria tão disparatado como um juiz chamado Justo ou uma *cocotte* chamada Inocência.

Os sábios alemães verificaram que o mar tende a invadir o seu país. O litoral do norte já desceu cinquenta centímetros.

Quando Deus quer, é um aviso do céu. Porque aquilo, se continua assim, — só com um dilúvio.

Que a grande moda, agora, em Nova-York, são as mulheres pálidas e magras.

Céus de Fogo

é um romance forte do Dr. Campos Monteiro (Filho).

CÉUS DE FOGO

trata do amor entre os selvagens e lê-se de um fôlego.

CÉUS DE FOGO

Não tem escabrosidades; mas tem verdade e grandeza de descrições.

CÉUS DE FOGO

Descreve a paisagem da nossa Africa Oriental e a sua efabulação obedece à verdade.

CÉUS DE FOGO

É escrito por quem viveu anos e anos entre a beleza selvagem que descreve, e tem páginas de maravilhosa textura.

CÉUS DE FOGO

É um romance que fica bem ao lado dos grandes livros de viagens e de amores selvagens.

PREÇO 10 ESCUDOS

à venda em todas as livrarias e na nossa administração.

Quer dizer: em vez do *rouge*, oca. E em vez da *revalescière*, o chá Mineiro.

Esta determinação deve obedecer ao desejo de que não quebrem os bancos em que elas se sentem. São tão frágeis, actualmente, os bancos norte-americanos!

O diplomata nova-yorkino Charles Flit, de setenta-e-sete anos, acaba de casar com uma menina de dezassete e de partir para a Europa em viagem de núpcias.

Entrevistado por um jornalista inglês declarou que nunca tivera tempo de pensar no casamento e deliberara agora reparar essa falta.

Andou bem em reparar a falta e o tempo perdido. O que não deve é reparar... no que a esposa fizer.

E como estamos no verão, e na Europa há muitos insectos, tenha o sr. Flit sempre em acção o seu apelido, para proteger a esposa contra as mósas que lhe quiserem poisar.

Uma revista francesa, que anda agora a fazer um estudo sobre a censura à imprensa no tempo da grande guerra, conseguiu descobrir várias instruções dadas pelo governo alemão daquela época aos censores e aos jornais. E entre essas instruções encontra-se a seguinte, na verdade pitoresca:

«Fala-se na possibilidade da entrada de Portugal nas fileiras dos nossos inimigos. Se esta notícia se verificar, deve a imprensa apresentá-la como prova da situação desesperada da França e da Inglaterra, que precisam de um aliado tão insignificante, cujo valor militar é nulo».

Portugal é insignificante, mas fez grandes despesas com a guerra, — e pagou-as. Assim a *kolossal* Alemanha nos pagasse a nós as reparações...

Interrogado por um jornalista acerca da abolição da lei seca, Bernard Shaw respondeu que lhe parece bem, porque o álcool é o clorofórmio dos pobres, minorando-lhes o sofrimento e as agruras da vida.

Ao mesmo tempo, um diário lisboeta afirma que as doutrinas comunistas são o arsénico dos proletários.

Já havia, em matéria de imagens metafóricas, o teatro dos pobres e o piano dos pobres. Agora, duas altas inteligências acabam de descobrir-lhes o clorofórmio e o arsénico, — esquecidas ambas de que o clorofórmio pode ser estimulante e o arsénico pode ser um tónico valioso. E' tudo uma questão de dose.

Falta agora que as dissidências do partido socialista se intensifiquem, de maneira a terem os pobres encontrado — o seu sulfato de soda.

De Portugal, agora:
No 1.º número da excelente revista *Outro*

ritmo, apresenta o ilustre professor Dr. Abel Salazar um interessante estudo sobre os ursos.

Não vão supor que o distinto homem de ciência, depois de ter sido um fisiologista e histologista insigne, *double* de admirável crítico de arte, armou agora em naturalista, especializando-se em Plantígrados. Os ursos que o Dr. Salazar estuda não habitam as florestas da Checoslováquia nem os gelos polares. Vivem em Portugal e frequentam os cursos superiores.

Chamam-se *ursos*, em calão académico, os estudantes que fazem figura nas aulas, por sabermos muito. A qual figura resulta, consoante o Dr. Salazar, mais triste que a do nobre cavaleiro manchego, sendo que o seu saber não vale dois caracóis.

«O urso — escreve o ilustre professor — é de uma erudição *cadavérica*, cheirando a bafo de biblioteca... fossiliza-se a si próprio, e é no estado de fósil que passa a catedrático... é o bonzo do lugar-comum... um pseudo-sol que acaba em lamparina... da ciência apenas conhece as conclusões, e como estas a todo o momento aluem, a todo o momento êle se precipita no charco; e no charco patinha, e no charco finda a sua miserável vida de Conselheiro, de Ministro, de Mandarim...»

Perfeita, a descrição, e tanto mais interessante quanto foi feita por um professor (que, felizmente, não tem nada de urso). E oxalá ela contribua para atenuar a admiração colectiva por certos ursos — estudantes, catedráticos ou ministros — e para evitar que a constelação da Ursa Maior, essa lamparina de azul, mude de sexo e de sentido.

Marcial JORDÃO.

Um ar da minha graça

é este o título do novo livro humorístico do nosso director.

José de Artimanha, o autor do *Tribunal dos Pequenos Delitos*, pôs neste seu novo livro toda a graça que Deus lhe deu, e por isso o

UM AR DA MINHA GRAÇA

não é um ar apenas: é um livro inteiro cheio dela. Dentro de breves dias aparecerá à venda em todas as livrarias o novo livro humorístico de José de Artimanha, que irá de-certo obter um sucesso igual ao seu primeiro.

O preço é o mesmo.

Podem, portanto, fazer os seus pedidos desde já para a nossa administração.

UM AR DA MINHA GRAÇA

Balancete da semana

Na Granja do Mourão,
pertinho de Lisboa,
João da Conceição,
que não tem uma alma muito boa,
indo o seu camarada João Farinha
reclamar-lhe uma dívida pequena,
tirou a sua faca da bainha
e espetou-lha no peito, sem ter pena
do audaz camaradinho.
Esta notícia pôs a cara lívida
aos bons capitalistas de em redor,
por verem que um modesto devedor,
em vez de liquidar a sua dívida
liquidou... o crêdor;
e se o exemplo pega, é já fatal
que em todo o Portugal
os devedores, desde o Algarve à Beira,
comecem a pagar de esta maneira:
em óptimo metal.

*

Um estudante que em Lisboa disse:
— «Viva a República! Morra a Ditadura» —
formidável tolice
que merecia uma sentença dura,
encarregou o seu advogado
de declarar em pleno tribunal
que estava embriagado
e aquele grito fora excepcional.
De nada lhe valeu: pagou a multa
de mil escudos, — uma catapulta
que é de arrasar um mísero mortal.
Do vinho sob o império
surgem assim certos momentos críticos.
Isto prova que deve o ministério
decretar a lèi-seca... p'ra os políticos.

*

Excursões o Bordeus, Lisieux, Paris,
Lourdes, Anvers... Uns sítios nada feios.
E há gente tão feliz
que se dá o prazer de tais passeios!
Quando vejo partir estes turistas,
— mala na mão, bengala e gabardine —
sinto os miúdos todos bolchevistas,
e sou mais radical do que o Staline.
Ainda dizem que não há dinheiro
e vamos todos nós para a penhora!
Vamos mas é passear ao estrangeiro;
e se não há dinheiro,
é só porque o deixamos lá por fora!

*

Anúncios de um jornal: Silvina pede,
ardendo da paixão no vivo lume,
que o seu caro Mamede
apareça no sítio do costume.
Responde o outro, muito pouco tanso,
quem sabe se apoplético e vermelho:
«Tudo acabou. De resto, estou já velho,
e quero o meu descanso».
Quando Deus quer, amigo assim da paz,
e inimigo de tanto movimento,
o bom Mamede, que não é rapaz,
em ser membro efectivo se compraz
da Conferência do Desarmamento...

Saias abaixo! Calças acima!...

Estamos nisto, meus senhores, embora que mal pareça. Os grandes costureiros de New-York, Londres e Berlim, tentam lançar a moda das calças de homem para senhoras crescidas. Vimos nos jornais e ilustrações umas fotografias que dão uma ideia do que vai ser a nova moda.

Pela nossa parte confessamos que a achamos distinta tal e qual a vemos nas afiadíssimas damas retratadas.

Gostamos; se bem que nos pareçam calças de alçapão e lhes falte um não sei quê de um lado que demarca às vezes exuberantemente o seu possuidor.

Parece-nos, no entanto, que esta moda vai ter os seus inconvenientes; sobretudo quando as senhoras que a usem, chegarem ao quarto mês da coisa mais natural dêste mundo. E então, assim que alcançarem o nono, há de ser um nunca acabar de costuras postiças!...

A MARIA RITA vai adoptar a moda imediatamente. Para isso já mandou pedir umas calças ao Romão Gonçalves.

Também gostaríamos de saber o sítio por onde hão de passar os suspensórios...

E já agora não queremos morrer sem ver de calças brancas o Rouxinol Baleia, e a Ex.^{ma} Senhora Baronesa do Valado desesperada com o fêsto das suas calças pardas.

A não ser que venham a inventar-se para os fêstos a impecabilidade permanente.

Os franceses e os "Camarões"

Na última Segunda-feira a Sociedade de Geografia, de Lisboa, dedicou uma sessão, exclusivamente à acção desenvolvida pelos franceses nas regiões dos *Camarões*, no continente negro.

Alevantadíssima sessão foi essa que deu a conhecer ao respeitável público o que os franceses foram capazes de fazer dêsse inofensivo marisco, que de ordinário só costuma fazer mal depois de morto.

Não queremos desfazer do povo francês pela energia demonstrada na domesticação de tão barbudos bichos; mas sempre gostaremos de frisar, que nesse particular muita coisa de bom também se tem feito entre nós.

Não há português nenhum, que ao cabo de ter descascado um cento dêles se não sinta capaz de descobrir um continente negro, e desbravar uma floresta virgem.

Mas o mal da raça é tanto, que até essas façanhas ficam na obscuridade, e quando se fala nelas não é na Sociedade de Geografia. E' nas notícias dos jornais, encabeçadas no título sugestivo de *Crime Grave*.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcelável

AUX GALERIES LAFAYETTE

O CONCURSO DA TOBIS

A FOTOGENIA DAS NOSSAS RAPARIGAS = HOLIWOOD Á MÃO DE SEMEAR =

Não sei se já tínhamos dito a V. Ex.^a que a MARIA RITA, também foi uma daquelas 200 raparigas que concorreram ao concurso aberto em Lisboa pela Tobis para a escolha de 10 artistas para o seu primeiro filme falado, cantado e fabricado em português.

Pois foi. Enviou o retrato e logo o júri lhe mandou dizer que se apresentasse pois tinha o verdadeiro tipo fotogénico.

A viagem

Uma vez no combóio, logo reparou que seguiam para Lisboa mais representantes da beleza portuense. Pelo menos uma dúzia de lindas raparigas viajavam no mesmo trem, cheias de ilusões, de quimeras, de rouge e de olheiras bem pronunciadas. De entre todas destacavam-se, porém, as seguintes: uma senhora empregada na farmácia Almeida Cunha, do Bolhão, a Sarinha da Brasileira, a telefonista do Borges & Irmão e a manicure do Belo, e as diversas rainhas das costureiras do Pôrto. A poetisa Amélia Vilar também seguia no mesmo compartimento, mas declarou-nos que não ia ao concurso.

Acompanhava-as a todas o Oliveirinha mais novo, do Sport Club do Pôrto, que como antigo iniciado nestas coisas, foi o destacado para acompanhar a embaixada.

O concurso

No último Domingo, apresentaram-se todas as concorrentes perante o sr. Cotineli Telmo—nesta coisa da Tobis Portuguesa todos os nomes são estrangeiros.

No primeiro escrutínio que constava de escolher um palmito de cara que não obrigasse as câmaras a espirrar, foram postas de parte 172 concorrentes.

Houve choros, gritos, e não faltou quem dissesse que tinha havido chapelada. Que nos conste, do Pôrto, só ficou para o segundo escrutínio a Sarinha da Brasileira. Abençoadinha!...

A nossa MARIA RITA foi posta de parte por se provar que falava quando muito bem lhe apetecia, e ela só enchia todos os aparelhos de tomadas de som.

Neste mesmo dia regressava ao Pôrto a Dona Amélia.

Segundas eliminatórias

Foram realizadas no dia imediato, na presença do mestre em esquina sr. René Bohé e de dois guitarristas encartados.

A Sarinha, coitada, foi posta à margem por não saber cantar o fado, e com ela mais 11 concorrentes, umas por serem pevidosas, e outras porque declamavam assim:

O' Bida da mida Bida... etc.

Uma outra também, sobre a qual recaíra toda a esperança do René foi desclassificada porque era muda de nasença.

Terceira e última prova

Das 18 concorrentes que na última Terça-feira fizeram a prova de filmagem, quasi todas mereciam o contrato almejado. Todas as caras tinham olhos e a boca via-se bem através do pano branco.

Mas só eram necessárias 10, e o sr. Paulo de Brito Aranha, a quem competia o apuramento final, declarou que o que tinha de ser tem muita força.

E foi assim que do Pôrto, só foi escolhido para contratado o velho cinéfilo do Sport Club do Pôrto.

Todas as dez caras são uma maravilha de linhas e de fotogenia. As provas finais serão de corpo inteiro, porque o busto às vezes engana.

Conclusão

E aí fica o que foi a desilusão de 190 cabecinhas volantes, que sonharam durante uns dias com um automóvel de setenta-e-cinco andares e com um galan já feito.

MARIA RITA que também foi preferida, promete fazer um concurso onde poderão entrar todas aquelas, que agora ficaram de fora e mais algumas que não chegaram a tempo por falta de fotografia.

A Rainha das criadas de servir

A MARIA RITA, a exemplo do que hoje se está a fazer no mundo inteiro, iniciará dentro em breve um formidável certame, subordinado ao título de

A Rainha das criadas de servir

onde se apurará com toda a consciência e seriedade a *mais bela de entre as mais belas*, das bonitas criadinhas de servir que pululam na cidade do Pôrto e arredores.

Não há direito que tendo havido rainhas de tudo, não haja ainda na nossa terra a

Rainha das criadas de servir,

quando é certo que lindíssimos rostos andam por aí sujeitos àqueles vexames de apalpão que o sr. Dr. Carlos Santos tão conscienciosamente cita no seu último monumento literário.

Vamos a isto portanto.

Já no nosso próximo número daremos as bases deste formidável concurso a que presidirá a consabida maestria do sr. Cunha da Raza.

PERFIS DE BRAGA

II



Monsenhor Papagalo...



OS GATOS

São uns animais machos que andam por nossa casa como por casa deles.

Também há destes animais fêmeas, mas esses não são gatos, são gatas. Estas últimas, teem uma maneira de andar tão esquisita, de rabo para o ar, que até se inventou o andar de gatas para lhe dar razão.

Os gatos vivem geralmente no borralho, que é como quem diz entre as pernas da cozinheira, mas também os há que vivem bem: a estes chama-se geralmente gatos de raça e costumam ser franceses ou persas, quando afinal não passam de filhos do Farrusco ali da esquina.

Uma vez, a um gato, caiu-lhe um pingo de estearina no focinhito branquinho; de aí em diante passaram a chamar-lhe o gato pingado, e êle com o desgosto fugiu para casa do Alberto Pereira.

Os gatos são empregados geralmente em duas coisas. Nas pinturas luarentas duma cidade velha, que mete sempre um gato por cima dos telhados, e nas almofadas de pôr os pés em cima. Nestas últimas é costume pôr-lhe também uma bolinha de criança.

Dêste vício dos pintores e das meninas trabalhadeiras, é que veio a célebre frase: *meter um gato à gente*.

Os gatos arranham, dizem, mas isto não é lá uma coisa muito extraordinária porque também as mulheres arranham. Há uma maneira infalível para se evitarem as arranhaduras: é mandar os gatos à manicure.

Comem como qualquer de nós, porque até gostam de franguinhas. Infelizmente, porém, só lhe dão espinhas de bacalhau e orelhas de coelho, o que faz com que os peixes e os coelhos não gostem nada de gatos.

Em tempos idos alimentou-se a ilusão de que os gatos serviam para caçar ratos. Mas esta ilusão desfêz-se com a prática. Hoje os gatos negam-se sistematicamente a caçar ratos por falta de licença camarária.

Também existe actualmente o Sindicato Unico dos Ratos e Gatos Desempregados, e a Federação não permite comer os sócios da liga.

Diversos escritores portugueses se teem dedicado ao estudo desta espécie felina; mas aquele que mais tempo perdeu com êles foi Fialho de Almeida.

João RIALTO.



Continuam a afluír à nossa redacção as cartas, os cartões, as cartinhas, as cartolas e as carteiras com referências elogiosas à passagem do nosso aniversário.

MARIA RITA continua a agradecer a todos e a desejar-lhes muitas mais venturas que para si deseja.

Também a Imprensa portuguesa se tem referido a êsse extraordinário successo de um jornal português durar um ano.

MARIA RITA, naquele gesto de cortesia que o Sr. Dr. Júlio Dantas invejaria, a todos agradece penhorada.

O nosso jornal, na ânsia justa de bem servir o público, abre mais uma secção, esta de toda a probidade científica e literária. Quem quiser conhecer o seu carácter pela forma da letra, só tem o trabalho de mandar para esta redacção qualquer frase banal escrita pelo próprio punho na orla duma banalissima nota de vinte manguços. (E' claro que aquilo que a nós nos interessa é a letra e não a nota, como já devem ter calculado).

1.^a consulta — Albino Guedes, Grijó —
— A sua escrita, finissima, denota um temperamento ultra-sensível de artista e de amigo do belo fêmeaço.

Vê-se, pela maneira como carrega nos pontos dos *ii*, o seu ódio ao gramofone, e por certo nervosismo com que acentuou a palavra *côpo*, conhece-se imediatamente que deve estar há muito de relações cortadas com a sua sogra.

N. B. — A nota que nos mandou era falsa como Judas..

Dr. OX.



LANDRU, o grande amigo da MARIA RITA, tal como foi visto ao apresentar-nos os seus cumprimentos pela passagem do nosso 1.^o aniversário.

DESCANSO SEMANAL

A descoberta dum poeta fenomenal A arte de dizer asneiras alevantadamente

O sr. A. Garibaldi, que abaixo teremos a honra de apresentar a V. Ex.^a, é um poeta nato. Nasceu ali para os lados de Braga, em Esporões, e é por isso que ganhou a cisma de cantar por toda a parte. E um poeta de Esporões e por isso ergue a crista com uma semcerimónia de espantar.

Vamos começar por umas quadri-nhas publicadas há tempos no *Jornal de Espinho*.

Trovas

*Os beijos da tua boca
São relíquias dum sacrário.
Bálsamo que vivifica
O meu peito solitário.*

*Não chores por mim, amor,
Não chores por mim, meu bem.
Não quero que a minha dor
Possa ser tua também...*

*Lêste uma carta e sorriste,
Sonhando beijos de mel...
Que juízo tu farias
Do que dizia o papel?*

Esporões, Braga.

A. Garibaldi.

Provado está que o galo de Esporões sabe metrificar o que êle não sabe é nada de grafologia. Se não, veria logo que a rapariga, se se riu da carta, lá tinha as suas razões!...

Agora um soneto que encontramos no conceituado *Luz do Operário* de Gaia. E' impecável na forma, lá isso é! Tão perfeito que a gente fica a pensar que é forma de sapateiro, tão ajustada é. Mas leiam fazem favor...

Menirene

*Em tempos que lá vão, eu conecti
Uma donzela chic e tentadora.
Trazia-a na lembrança a toda a hora
— Não podia olvidar quem esquêci.*

*Linda, tam linda — ledo colibri
Que teve ninho dentro em mim outrora —
Hoje a não lembro, pois que a odeio agora.
— Falsa, tam falsa nunca assim eu vi.*

Passa por mim, de quando em quando, às vezes,
Lançando-me lampejos vis, soezes,
Do seu olhar desesperado, infrene.

E essa donzela que, ha bastante, amei,
Há-de baixar ao tálamo dum rei:
Um anjinho do Céu — a Menirene!...

Esporões, Braga.

A. Garibaldi.

Estes dois últimos tercetos, não lhes dizem nada? Nem ao menos que o homem dos Esporões é maluquinho? Então admite-se lá que um anjinho do céu lançasse lampejos vis, soeses... catixa!... E um olhar infrene é lá coisa que se tenha nos olhos? Se é verdade o que o homemzinho diz, e se a Menirene tem de baixar ao tálamo de um rei, que ande de-pressinha porque os reis estão quasi todos na estica. A não ser que vá parar ao tálamo do sr. Maneca Reis!...

Mas o que aí fica acima, é nada, meus senhores! Nada!... Nadíssima, comparado ao que vamos inserir agora e foi recortado do *Jornal de Notícias*, do Pôrto, do seu número do último Domingo de Páscoa. E vinha na primeira página!... E a letras garrafais, caramba!... Ele aí está!

Pascoa

*Atêluia! Atêluia! Estrêlas num patíbulo,
E pestes de veneno em gótas de aspersório...
O lupanar, além, num êstase ilusório,
Queimando mirra e fel na pira dum turíbulo.*

*Há cóleras no peito inócua duma freira,
Insultos de maldade em bocas de inocentes.
E pústulas de febre em tálamos candentes
Onde rojando foi a pática rameira.*

*Fogueiras de heresia! E forcas de impiêdade!
A Força profanando a crença dos sinceros!
E báculos-punhais, matando, em golpes feros,
O Pensamento e o Bem e a própria Humanidade!*

*Guerrilhas de credice... e pestes eviternas...
A guerra porfiada... a fome... a zoina imunda...
Doutrinas imbecis em ninfa pudibunda
E o despotismo infenso em máscaras fraternas...*

*Berços ao desamparo... e tronos de miséria...
A Cruz fazendo a guerra e lodaçais o Amor...
Beijos de sânie e fel descendo à tenra flor
Feita de espuma e sêda entre uma unção sidéria...*

Há gritos de vaidade em lances de Himeneu,
Tem sombras de igualdade a desdenhosa Parca.
Há gestos sensuais na vida dum jerarca
E tipples de aflição num cântico do Céu...

*Jesus morreu. E o Mal ficou vivendo assim...
A crença é um farrapo, a modos de poeira...
A podridão, sòmente, a mórbida cegueira...
E beijos de demência em faces de alfenim...*

*Eternamente o Mal, e a Dor não se finou...
Estrêlas de Atêluia e sóis de Tempestade...
...E a velha dissoluta, a louca Humanidade
Irá morrendo, enfim, na Cruz em que matou!...*

Esporões — Braga.

A. Garibaldi.

Isto é de tal maneira, que não há comentário possível! Escrever assim é a arte de dizer asneiras com toda a solenidade! Este homem, com certeza, andou à procura de termos difíceis e pregou com êles na poesia.

E o sr. Garibaldi, de Esporões, sabe fazer versos. Os seus alexandrinos são perfeitos na forma, na cadência, na metrificação!... O que não sabe é escrever coisa que se compreenda.

E' impossível, meus senhores escreverem-se asneiras mais grandiloquamente, desculpem o adjectivo adverbado. O' manes transcendentis dos Incas e Tuaregues! Dizei-nos: quem deu ao Garibaldi tamanha força no verso?

Os seus alexandrino são de tal forma eloquentes e alewantados, que a gente tem de acreditar por geito, que só à força de um garibaldi se conseguiriam erguer.

Pérola Verde!: estás vingado!... Manda as tuas produções para o *Jornal de Notícias* e terás a consagração eterna da sua primeira página!...



o melhor calçado

A MODA NO VERÃO DE 1933

O que será—De onde—Para onde vai
Ouvindo os grandes stureiros do Pôrto



Chapéu de roleta e peitos de caravela

A gente agora já nem sabe quando é que chega o verão!... É uma pena, porque a hesitação de cada um chega a pontos de não saber quando é que há de tirar o sobretudo e mudar de camisola. Quando o Governo se encarregava de nos dizer que no dia tantos de tal se devia adiantar o relógio em sessenta minutos, já a gente sabia que tinha chegado a hora de verão.

Hoje em dia não é assim. O único relógio que em nossas casas dá horas de verdade é a barriga, coitada, que marca sempre um prato a menos.



Um conhecido médico portuense vestido à Filipe II, segundo a moda de hoje

Pois a MARIA RITA, que já na sua primeira página demonstra exuberantemente que chegou o verão com o seu cortejo de nudistas, não quer deixar os seus leitores sem a certeza de que irão entrar nessa abençoada estação em que se pode pôr o sobretudo no prego sem grandes embaraços, e em que os casacos de peles deixam de esconder as verdadeiras peles sobre os ossos das nossas chegadíssimas metades dos outros.

O verão, como poderão verificar, não é propriamente aquele espaço de tempo que medeia entre aquilo que nos faz suar, além duma conta por pagar e duma mulher bem temperada. O verão entra, afinal, quando a camisola sai e a gente não pode olhar para um fogão de sala sem um suor frio.

E há coisas que mal o verão desponta, aparecem imediatamente. Já não falamos nas borbulhas nem nas andorinhas.

Falamos sim, nas

Modas da Estação

Essas começam precisamente nesta altura.

Já os chapéus de feltro são postos para o lado, quer dizer para um canto, e os regalos só regalam a gente quando lá vemos dentro aconchegadinho um ninho de ratazanas.

E a MARIA RITA, mulher também, não pode deixar de informar as suas caríssimas leitoras do que vai ser a moda deste verão. Para isso, meteu pés a caminho e foi visitar os ditadores da moda nesta Invicta cidade.

O' Portugal que mais queres...

Que nos perdoe sua Excelência. Mas a verdade é que o simpatiquíssimo Portugal de Brito, da casa Isaura Pinheiro de Brito, era a pessoa melhor indicada para referir em duas linhas, tanto a linha de ataque do Foot-Ball Club do Pôrto, como a linha escultural da mulher no próximo estio.

Encontramos Sua Ex.^a ainda desfalcado no seu bom humor tradicional pela derrota das Astúrias... Acolheu-nos, porém, gentil, e veio a si de tão longe. Ouçamo-lo religiosamente:

—A moda, neste verão, meus amigos é tóda algebricamente falando. Predominam as linhas antigas. As linhas da

frente são constituídas pelo Pinga^o ao centro, o Waldemar à esquerda... ah!

nada. Calculem que tornamos às *tourneres*, às almofadas e aos machos atrás. Eu!



Uma dama que costuma esperar o Iuzes vai no 3 por engano de vista

perdão, perdão!... Eu já ia no *foot-ball*.

Desculpamos, como não podia deixar de ser, e ele continuou:

—As linhas são tódas antigas. Voltamos ao tempo de Maria Antonieta, de Lucrecia Borgia, de Catarina de Medicis e de Inácio de Loyola. Quanto às linhas de-trás, tirando-lhe o Avelino não dão

Albano Ramos Pais & Filho

onde o Manel Pais Filho nos recebeu muitíssimo senhor do seu piramidal nariz.

—A moda meu amigo, começou êle, não é êste ano uma *blague*. E por falar nisso: Você já sabe aquela do Salazar. Tem um piadão...

Pois a moda, êste verão é alguma coisa de completo. Os homens voltarão ao reinado dos Filipes. Olhe: já estamos ali a confeccionar um fato para um distinto clínico desta praça.

Quanto às senhoras voltarão a usar tranças, muito cómodas para enforcamento à *priori*, e os vestidos serão guarnecidos a ouriços do mar como poderá verificar pela gravura junta.

Os chapéus usar-se-ão pouco. Usa-se mais o cabelo. Sobretudo na cabeça. Debaixo dos braços é feio e vê-se por cima do decote. Alguns chapéus que se hão-de ver são em forma de roleta e os seios em geito de caravelas. Sabe o que é pena. É não haver agora artistas a vestir cá no Pôrto... se não arranjavam um vestido em forma de gafanhoto que fica muito bem às pessoas magras.

E dali fomos até às

Galleries Lafayette,

na Rua 31 de Janeiro. Recebeu-nos o Viriato, aquele que nunca foi dos Herminios, porque nunca calhou.

—A moda, diz-nos êle de mansinho como é de uso, vai ser alguma coisa de espantar. Já não haverá pregas nas senhoras, nem atrás nem adiante... Os vestidos tapanão tudo, até as nódoas da alma. Os casaquinhos, as samarras, deixarão de ser usadas, e só veremos o vestido inteiro, com os machos também. O pior é que as peles não se vendem, e os *petits-gris*, vão crescer sem licença de Deus. É nada mais lhe posso dizer por enquanto, porque ainda não dei a volta a Portugal e nas nossas lindas aldeias aprende-se muito, graças a Deus.

Considerações

E aí teem os caríssimos leitores o que a MARIA RITA conseguiu apurar acerca da moda na estação que vai entrar.



O talho de gafanhoto moderno

Oxalá que as colónias nudistas que infestam as nossas praias, se lembrem de a adoptar para todo o sempre.

A' última hora

Chegou à nossa redacção a correr um representante da conceituada firma

Matos & Serpa Pinto

comunicando-nos que foi decretada para as senhoras a moda das calças compridas.

Lamentamos o facto sinceramente e pedimos a Deus para ela não ir por diante, porque de contrário muita senhora das nossas relações se veria em embaraços para esconder nos cós das calças, os respectivos embrulhos que é de uso trazerem ao fundo das costas.

O que achávamos bem, é que alguns rapazes que abundam por aí passassem a usar saias. Assim é que estava certo.



Laminas RITZ

De todas a melhor, especial para barbas duras, todas as bons casas a vendem a 1 escudo, dep. 162, 3.º Av. dos Aliados. Telef. 4650

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 52 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 215

N.º 231

Um provinciano disposto a passar alguns dias em descanso, resolveu hospedar-se num hotel.

A noite entrou no quarto, aproximou-se da cama e viu encostado a esta um aparelho que desconhecia (era o escarrador), arrumou-o com cuidado, e deitou-se.

De noite escarrou no chão. Pela manhã o criado ficou parvo quando viu tal serviço, e dispôs-se desde logo a avisar o hóspede, mas lembrou-se, ao mesmo tempo, de que ele não teria visto o escarrador. Chegou-o mais para perto da cama e no dia seguinte notou a mesma coisa do dia anterior.

Isto durou alguns dias, até que o homem chamou o criado e disse-lhe:

— O' homem! Ou você tira daqui esta porcaria ou eu ainda lhe escarro dentro!

Remetente: Rutra Luar.

N.º 232

Adélia, romântica e apaixonada pelo cinema, faz meiguamente esta confissão ao espôso:

— Quisera ser uma estrêla!
— Oxalá que o fosses! — diz o marido, cheio de aborrecimento.
— E porque o desejavas?
— Porque a mais próxima de nós dista 11,760:971 quilómetros.

Remetente: Rei dos Borlistas.

N.º 233

Pela estrada fora, segue o tenente X, muito conhecido pelas suas *distracções*, e o seu impedido, o 39 da 4.ª do 1.º. A certa altura, o impedido vendo à beira da estrada uma formidável queixada de burro, exclama:

— O' meu tenente, que grande queixada de burro!

— E' verdade — responde o tenente — tiras-te-ma da bôca!...

Remetente: Zé Barão.

N.º 234

Um viajante pára em frente de uma albergaria, bate, mas não lhe respondem.

Decide-se então a entrar e a primeira coisa que vê é o dono da casa em luta com sua mulher; a pancadaria chove de parte a parte e a mulher defende-se denodadamente. Querendo pôr termo à briga, o viajante dá um murro sobre a mesa e grita:

— Olá! Quem é o dono desta casa?
O marido responde esbaforido:
— E' justamente o que tratávamos de decidir.

Remetente: Lemos de Albergaria.

N.º 235

O Zacarias, perdido de bêbedo, vendo sentada num banco do jardim de S. Lázaro uma senhora muito gorda, dirigiu-se-lhe e rapidamente encostou os seus lábios aos dela, começando a vomitar.

Um polícia que estava perto, correu aos

gritos da senhora e prendeu o Zacarias, levando-o para a esquadra.

O polícia ao apresentar o preso ao chefe, disse:

— Este homem, meu chefe, estava a vomitar, deitando o vinho todo fora...

— O' sê guarda — atalhou o Zacarias — eu não estava a deitar o *binho* fora... Cá dentro é que já estava de mais e eu ia guardar algum para outra vez naquele tonel que parecia a minha *sócia*...

Remetente: Olegna.

N.º 236

O Dr. X. perguntou a uma senhora quantos anos tinha.

— Trinta.

— Parece que tem vinte!

Isso é modéstia do Senhor Doutor.

Remetente: J. Martins.

N.º 237

Entre namorados:

— Se meu pai te desse uma casa para não casares comigo, tu querias?

— Antes queria casar contigo.

— Porque?

— Porque ele tem quatro!

Remetente: Amarantino.

N.º 238

EPIGRAMA

Ao ver-te condecorado

Com essa cruz e benesses

Queres saber quem me pareces?

O Cristo crucificado!

Também foste premiado

Com uma cruz que não mereces.

Remetente: Martinha.

N.º 239

Um prégador de fama estava mal com os cônegos da Sé. Prometeu que havia de intitulá-los burros, do alto do púlpito.

Foi prégador. Começa o sermão assim:

— Albarda! excelentíssimo cabido, (apontava para os cônegos). Albarda! excelentíssimo cabido (tornava a apontar os cônegos). Albarda S. José o burrinho e parte para o Egipto com Nossa Senhora.

E prosseguiu o sermão na forma do costume.

Remetente: Crisântemo.

N.º 240

Um inglês no restaurante:

— *Garçon*, como chama aquele senhor que está lendo aquela jornal naquele mesa?

— Não sei.

— Obrigada.

Minutos depois o inglês perguntou ao dono da casa:

— Faz favor, como chama aquela senhor que está lendo aquela jornal naquela mesa?

— Não conheço.

— Obrigada.

O inglês levanta-se e dirigindo-se a um dos vizinhos:

— Desculpa, como se chama aquela senhor que está lendo aquela jornal naquela mesa?

— Sinto muito, mas não posso informá-lo.

O inglês, depois de ligeira hesitação, dirige-se ao senhor em questão:

— Faz favor de dizer a mim como chama?

— Chamo-me Eusébio Vilaflor.

— Mim pede licença ao senhor Eusébio Vilaflor para dizer que gata do restaurante faz porcaria na sua chapéu que caiu no chão!!!...

Remetente: Bibi.

N.º 241

Entre empregado e patrão:

— Eu precisava de que o senhor me desse dois dias de licença...

— Para quê?...

— Para... para ir assistir ou entêrro de... de um tio meu.

— Mas rapaz... Você já me disse, uma vez, que só tem... um tio, o dr. Cevado.

— Pois... pois foi esse mesmo que morreu...

— Não diga isso!... O meu velho amigo Cevado?

— Como? O senhor era seu amigo? Mas ele nunca me disse... que o conhecia. Era um homem tão reservado.

— Muito reservado com efeito... tanto que, ainda há pouco, tomamos café juntos e ele não me disse que tinha morrido.

Remetente: Rei dos Galos.

N.º 242

Idílio sentimental.

Ele — Se me dizes que não, faço uma asneira.

Ela — Suicida-se?

Ele — E' o que costume fazer nestes casos...

Remetente: João de Sousa Costa.

N.º 243

Numa viagem em caminho de ferro, encontram-se um português, um espanhol e um norte-americano. Ao fim de muito elogiarem os seus países, saiu-se o *ianky* com esta.

— No meu país há uma máquina tão aperfeiçoada, que metendo-lhe um porco por um lado sai pelo outro já feito em salchichas e paios.

Diz logo o espanhol:

— No meu país há coisa muito melhor. Há muitas máquinas que fazem precisamente o contrário. Metendo-lhe os paios e as salchichas por um lado, saem pelo outro porcos vivos.

Como o português não se gabasse, perguntam-lhe em côro os dois estrangeiros:

— E no teu país?

— No meu país há milhões de máquinas melhores do que essas. Mete-se-lhe carne, peixe, legumes, frutas, tudo!

Ao fim de minutos, perguntam-lhe muito admirados os companheiros:

— E o que sai dessas máquinas?!

— Sai... (aquela frase de Cambrone).

Remetente: Reirobi.

Restaurante Português

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11 — PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Os Estados-Unidos pregaram ao mundo uma partidazinha muito divertida. Quando apanharam já a caminho da América umas poucas de comissões financeiras, armadas de técnicos, flóridas de sábios, coroadas de primeiros ministros — zás! Abandonaram o estalão-ouro, trocando-o por qualquer estalão... de ouro americano, que sempre foi uma grande porcaria. Foi mesmo o que se chama, salvo seja, uma rasteira... Os peritos, — que são a grande moda, num mundo atacado de peritonite aguda — devem-se ter visto azues, como os mares em que singravam, ao chegar-lhes pela T. S. F. a noticiuzinha. Quantos cálculos em terra! Que reviravolta nos coeficientes! Eles que iam com a cabeça cheia de dólares, como de coisa segura e certa, sabermem, naquela altura, que o amigo dólar, quando os apanhou embarcados, tremeu, tremeu, tremeu... e não se quedou silencioso! A bordo do *Berengaria*, o pobre Macdonald queixou-se mesmo de dólares de barriga, enquanto, sôbre o chão vacilante, tratava de agüentar-se no balanço. A ver vamos o que dali sai. Oxalá às famosas comissões europeias que foram em tão lindos e povoados transatlânticos, — não se pareçam com os navegadores solitários, cuja especialidade, como todos sabemos, é a de... irem no bote.

Os pedidos de estrangeiros que êste ano tiveram de ser desatendidos só pelo maior e mais caro dos hotéis do Estoril corresponderiam ao movimento de outro hotel maior do que êsse. É um *record* realmente bonito, que deve orgulhar o nosso clima e satisfazer os nossos serviços de propaganda. Esperemos que êsse novo hotel seja brevemente uma realidade. Enquanto há vento é que se molha a vela, — é velho aforismo dêste sábio povo de navegadores. Enquanto há estrangeiro é que se constrói hotel, deve ser, sem dúvida, a tradução dessa verdade para os cânones do turismo.

O pôrto de Lisboa está destinado a ter sempre esquisitices, originalidades, coisas inexplicáveis.

Há pouco, inaugurou-se uma esplêndida carreira holandesa que, tocando em Lisboa e Tanger, liga o Oriente com o brumoso país das tulipas e dos diques.

Um bilhete de Tanger para Southampton, em 1.ª classe (passando por Lisboa) custa 10 libras. Pois um bilhete de Lisboa a Southampton custa...

12 libras. Menos um dia de viagem, — e mais duas libras. Porquê? Altos mistérios... Se as tabelas da companhia são assim, com certeza que só milionários poderiam transitar nos seus barcos, de Sherburgo a Southampton, E em compensação, se por cada dia a mais um passageiro paga duas libras a menos, quem vier de Ceylão com certeza que recebe, ainda por cima, grossa maquia. Não perco a esperança de ainda colher crisântemos em Nagasaki; — e, se a Holanda mo pedir, até lhe faço um abatimentozinho...

Agora, todos os dias os jornais veem cheios de erros judiciários. Se eu fôsse juiz, já tinha perdido o sono...

O assassino condenado hoje, será o mártir entronizado amanhã; e então quando escasseia o assunto palpitante, — que é, para os jornais que não são de moagem, o pão nosso de cada dia — não falta. Surge o êrro judiciário, como uma piada a propósito...

Está claro que, onde êle existe, é dever de coração pedir que se corrija. Mas são raros, raríssimos, os êrros judiciários... Ou melhor, são freqüentes, freqüentíssimos, mas sob uma forma em que ninguém fala. Há tanto figurão que anda por aí a apertar mãos, a fazer fatos, a queimar charutos, a ser «ilustre», — tudo isso por um engano judiciário!...

Tenhamos esperança.

Está reunido em Madrid congresso oftalmológico. Parece que uma das coisas que mais urgentemente se pretende curar é justamente a velha cegueira da justiça.

Dispões do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Os impossíveis dêste mundo

- Montar nos cavalos de um motor de camião.
- Acender uma vela de automóvel.
- Subir em bicicleta à Tôrre dos Clérigos.
- Ir a Braga por um canudo.
- Jogar *Foot-Ball* com bolas de sabão.
- Ir ao Brasil num carro de mão.
- Que os jogadores portugueses não estivessem indispostos com a ementa Espanhola.
- Um aeroplano levantar vôo, no campo da Honra do Pérola Verde.
- A quem não usar ferraduras, defender o *Ecos de Cacia*, defensor dos interesses da Região do Vouga!

Rutra Luar.

Posta restante

Diamantino Vargas — Obrigadíssimos pelos recortes. Mande sempre que, além do Octávio, outros lhe agradecerão.

Oidil — Quando tem nome, não o deixamos no tinteiro. Sempre às ordens.

Inês — Espinho — Qual quê? Nós já não nos admiramos de nada. Na nossa terra, hoje em dia, são as mulheres, os únicos homens que se encontram. A MARIA RITA abre as portas à gente dessa risonha terra. Mande mais coisas.

Zé Barão — Desta vez veio muito tarde a quadra. Eis a razão.

Seria — Bem sabe que a MARIA RITA é de todos. Escusado será, portanto, bater à porta. Ela está sempre aberta para os amigos.

Monteiro II — Pode mandar. Êssas correspondências serão publicadas sem assinatura alguma e incluídas em qualquer secção especial.

Abel F. de Abreu — Zambézia — Obrigado. Tudo é bom, e a MARIA RITA espalhará por tôda a parte.

Décimas... dentro do praso

Queimou-se no forno...

Morreu no Rio de Janeiro
Um tipo muito maduro,
Conhecido por *Pão Duro*,
Que deixou basto dinheiro.
Correu Portugal inteiro
Que por cá ainda havia
Herdeiros de tal maquia,
Que p'ra haver se preparam,
E até já saboreavam
Uma alentada fatia!

Mas — oh! sorte *maníversa*!
Oh! sorte desvergonhada!
Depois da coisa apurada,
Viu-se que era bem diversa.
No fim de tanta conversa,
Esse *português* de estucha
Saíu 'spanhol — ora chucha! —
Deixando os *herdeiros* lusos
Cabisbaixos e confusos,
Sem trincar nem uma bucha!

BISNAU.

Quem não quer ser lóbo...

Nunca supus no que isto vinha a dar...
— 'Stradas fatais por onde se envereda
Sem consciência própria, sem pensar
Que é certa a desventura, certa a queda.

Há quanto tempo foi não sei contar,
Apenas sei que um dia na alameda
Eu te encontrei e vi no teu olhar
Um ténue veu tão fino como a sêda.

Ypromixei-me e disse-te ao ouvido
Um galanteio e fui correspondido
Sem tu pensares sequer um só momento.

Soube depois, então, mulher fatal,
Quando saí da cama do Hospital,
Por quanto me ficou o atrevimento.

Quim GRANDE.

BARROS



VINHOS DO PORTO DE QUALIDADE SUPERIOR



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 6

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

29 DE ABRIL DE 1933

Decifrações do n.º 52 — 1) a letra R, 2) In serrado, 3) Culaço, 4) Cãovite, 5) Triato, 6) Deliquente, 7) Samelo, 8) possível, 9) Damião, 10) nadoa, 11) Pesonha, 12) Bomva, 13) Cãosoneta, 14) Dose, 15) Cãofora ou foração, 16) Quem tem medo, compra um cão.

Decifradores — Reirobi, 15; Horaciano, 15; Seria, 15; Sepol, 15; Rei do Orco, 14; Garimpo, 14; Busina, 14; Zé Barão, 14; Tónio, 13; Pedro de Bourbon, 12; Tripeiro, 12; Só Darco, 12; Ohnidog, 12; Amarantino, 11; Monteiro II, 10; Fantasma Negro, 10; Francisco José Rodrigues, 8; Xicantunes, 8.

♦♦♦

Enigmas em verso

(1)
Minha forma tão pequena,
De cinco letras formada,
Vale menos encolhida,
Do que depois de esticada.

Se em casa não fizer,
O uso que ela manda,
Minha mulher coitadita,
Já não sabe a quantas anda.

E já vi — Quem tal diria! —
Uma coisa que me espanta
Alguém na Coardoria
'Star com ela na garganta!

Por se agarrar muito a ela,
Quanto menino gentil,
Tem pôsto a língua de fora,
E esticado o pernil.

Pr'a acabar direi apenas,
Pois verdade nisto há,
Além de mais duas letras,
Tem um R, um O e um A.

Zé Cagancho.

♦♦♦

Charadas em verso

(2)
Mas que grande ferradela
Apanhei dêste animal, — 1
Na rua Duque Palmela
Qu'até fui p'ro hospital!

Levou-me tôda a carnhina
Deixou-me a canela nua,
Terá sorte igual à minha,
Todo aquele qu'anda na rua. — 2

E agora meus senhores,
Vamos tirar êste dente
Quero ver qual dos leitores,
Sairá o mais valente.

Lizé.

(3)
Esse automóvel que vês — 2
Com a mulher ao volante — 2
Matou há coisa dum mês,
Outra mulher num instante.

Sepol.

Pergunta sofismática em verso

(A prémio)

Pelos decifradores que conseguirem matar esta pergunta, será sorteado o livro, **Um ar da minha graça**, da autoria do nosso director **Zé d'Artimanha**.

Por conseguinte, mãos à obra meus senhores e... parabens ao feliz!

(4)
Caro leitor me dirá,
Certamente, se puder
Que diferença existirá
Entre o pó e a mulher.

Serigaita.

♦♦♦

Enigma figurado

(5)
~~~~~  
~~~~~

Tricas.

♦♦♦

Novíssimas

(6)
O Francisco tem um cão que só ladra quando lhe dão coisas doces. — 2-2.

Rutra Luar.

(7)
De flor ao peito, fui tocar música para a loja. — 2, 3.

Odnanref.

(8)
O animal está raivoso por o dono não ser absolvido. — 1, 3.

Monteiro II.

(9)
Não é aquela mulher nem você que com qualquer nota obtém o momento. — 2, 1, 1.

Seria.

(10)
Este animal estando de pé consegue ser o melhor. — 1, 2.

Ohnidog.

(A certo confrade)

(11)
Você engana-se quando supõe medíocre o tal homem. — 1-2.

Só Darco.

(12)
Na gaiola e no calçado encontram-se estas aves. — 1, 2.

Tripeiro (de gema).

(13)
Em sua casa não se acredita numa mulher. — 1, 2.

Ohnidog.

(14)

Era como se uma tenaz me apertasse o queixo de maneira a perder a ideia. — 2, 2.

Xicantunes.

(15)

Tenho uma parente que é uma bela mulher, uma mulher de primeiríssima! — 2, 2.

Busina.

♦♦♦

Maçada geográfica

(A todos os confrades desta secção)

(16)

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

DAI VIVA A OLEGNA

Sepol.

♦♦♦

Sincopadas

(17)

3 — Os dos "Ecos", são tolos; escrevem o jornal com os pés. — 2.

Rei Robi.

♦♦♦

Provérbio a adivinhar

(Oferecido ao confrade Sepol)

(18)

Ouvi Sofia a cantar
Mui contente e satisfeita,
Os irmãos a solfejar,
Numa alegria perfeita.

A mãe chamou a Sofia
E lhe disse em modo brusco:
— "Porque tamanha alegria
"Quando morreu o farrusco?"

— "Deixe-nos por compaixão,
"Fazer uso da garganta,
"Porque lá diz o rifão:

.....

Serigaita.

POSTA RESTANTE

Sepol — Naturalmente, estraviou-se a vossa relação das decifrações, motivo porque não foi incluído o vosso consagrado nome, na respectiva lista dos decifradores.

Se se estraviou na nossa redacção, perdoai-nos; se foi no correio, perdoai-lhes também porque êles não sabem o que fazem.

F. Ferreira Pereira de Sousa — Muiíssimo obrigado pelas indicações que tivestes a gentileza de enviar-nos. Já remetemos um número da MARIA RITA a cada um dos futuros colaboradores.

ÓRGÃO OFICIAL DOS MENTIROsos NATOS OU DE CONDIÇÃO

Boatos, Petas, Palões, Balelas, Coisas de arrepiar

Director por direito de conquista: **PARLATÃO SINCERO****Editorial**

A América tem-nos atirado para cá com coisas lindas. Primeiro foi o dinheiro para a guerra e duas dúzias de soldados que faziam a barba todos os dias. Porcalhões! Depois foi com a paz que o grande Wilson, que Deus tenha em cuja, coseu com os seus célebres 14 pontos naturais.

Passaram alguns anos sem que desse sinal de si, e após êles, desatou a berrear à Europa que era muito feio não pagarem as contas, e que era absolutamente necessário mandarem para lá aqueles biliões de *dolars*, que ninguém tem para lhe dar.

Tôda a gente sabe que esta coisa de pedir por meio dos jornais o dinheiro que nos devem, não é bonito nem dá resultado nenhum, porque torna os devedores descarados. Vai daí ninguém pagou, a não ser a tola da Inglaterra que já tinha abandonado o largo do Padrão e estava no Poço das Patas do cavalinho.

Em face dêste fracasso tôda a gente julgou que a América se encolhesse e levasse à conta de Ganhos e Perdas o sumo dos biliões emprestados. Mas ela que fêz? Em vez de estar com meias medidas, como era natural, deu autorização para a venda da cerveja à vontade do freguês, o que foi afinal uma medida inteira.

Uma vez emborrachado o povo americano, o sr. Roosevelt, apanhando-o a dormir, foi ter com o *dolar* (S. Magestade) e disse-lhe assim:

— Olha lá! Não tem geito nenhum que estando a libra fora do largo do

Padrão, e andando o escudo a caminho do Bomfim, tu fiques para aqui agarrado ao vício antigo de valeres o que tens representado até hoje!...

O nosso amigo *dolar* coçou-se vagorosamente, e sem mais explicações, desatou a descer por aí abaixo, de tal forma, que até o sr. dr. Júlio Dantas lhe mandou dizer por telegrama: *Isso é descer marquês*...

E' claro que isto trouxe complicações endiabradas, que não tentaremos resolver, pela simples razão de que a Princesa dos Dolares não teve o fraco gôsto de nos escolher para marido, nem temos nenhum primo na América. A única coisa em que a crise da América nos consegue tocar é na evaporação do vinho americano, que também tem descido pelas nossas guelas, de há muito já habituados à lei húmida.

Daremos em seguida os telegramas bolsistas das principais praças mundiais.

Inglaterra

Londres, 25 — Bólsas de cada vez mais desanimadas. Operações pela hora da morte. Pensa-se em mandar chamar o sábio Dr. Teixeira Bastos. Dolar de cócoras. Só os *pêsos* se conservam no sítio.

França

Paris, 26 — O franco, franquezinha franca, é o último baluarte da valorização. Muito feias as acções. E as obrigações ninguém as cumpre. Informações recebidas filiam queda do dolar na perda do Atlantique. Também há quem afirme que a derrocada do dolar foi provocada criminosamente. Vai-se proceder a um inquérito no Tribunal do Sena.

Espanha

Madrid, 27 — Espanha está com as Bólsas de cada vez mais vazias. As trocas mantêm-se, o que faz com que os *duros* desapareçam depois

de cinco pesetas. E' claro que estes manejos esvaziam as Bólsas. De Barcelona comunicam que deixaram de ser assaltados os cobradores dos Bancos americanos. O dolar, agora, já não dá nem para o *atraco*. Azaña continua no poder. Caiu o dolar; pode cair o mundo, mas Azaña não cairá jamais. Viva a liberdade!

Itália

Roma, 26 — Mussolini não dorme. Mussolini não bebe, etc., etc. Queda do dolar não terá repercussão Itália, país das gôndolas, do Papa e da fome colonial. Mussolini continua a dedilhar a *lira* a seu bel-prazer.

Alemanha

Berlim, 24 e meio — Hitler, no seu quinquagésimo discurso, radiado, fotografado, transmitido, copiado e sonorizado, atribui queda do dolar aos manejos dos judeus americanos. Impossível descrever movimento Bólsa êstes últimos dias. Consta aqui que o grande sábio Heinstein foi convidado para professor Escola Comercial Infante D. Henrique. Será verdade? Perguntem isso ao sr. Paiva Manso... Caiu o *marco*. Difícil mandar correspondência.

Perú

Lima, 23 — De nada valem já os milhões ao Perú. Baixaram os *pêsos*. Abaixo a Colúmbia que nos leva o *milho* todo. Perú morre de fome.

Portugal

Póvoa do Varzim, 28 — Os americanos andam em baixo de todo. Só aos burros é que foi dada autorização para fazerem *cerveja* onde lhes apeteça. Ontem, um americano, quis atirar-se ao mar com o desgosto de se saber pôr baixo. Ninguém tem confiança nêles, porque ninguém deseja ir de carrinho.

Pôrto

Bólsa, às 3 e meia da tarde — Movimento desusado. Milhões de acções mudaram de mãos nesta sessão. Desceu vinho americano dois pontos. Subiu consolidação do escudo. Baixaram acções do Hotel América Central, Sul-Americano continua quatro pratos variados. Caminhos Ferro Norte de Portugal continuam *Plácidas*. — *Alvaro Costa*.

Para
Pintar
aredes

Use

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em
seca em
dura 10
minutos
horas
anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

São tão finas e mal feitas
Essas pernas magricelas,
Que eu nem sei como te ageitas
Para andar em cima delas.

recebemos as seguintes quadras:

Teus cabelos ondas são
Negras, revoltas mas belas!
Dava alma e o coração,
Para andar em cima delas!

S.

Quando o mar em fúria ingente
Despedaçava caravelas,
Morreria alegremente,
Para andar em cima delas!

S.

No teu jardim descobri
Rosas tão puras tão belas,
Qu'eu queria ser colibri,
Para andar em cima delas.

Serigaíta.

Eu troquei uns sapatinhos,
Por umas lindas chinelas,
Mas passo os meus tormentinhos
Para andar em cima delas.

Céu Jacinto.

Meu vizinho tem um burro,
Com ricas doiradas selas,
Mas vê-se meio casmurro
Para andar em cima delas.

L. J.

Sulcaram todos os mares,
Nossas naus e caravelas.
Daria a vida, Lamares,
Para andar em cima delas.

Laracha II.

Se o da Raza dá à lingua,
Mulher's dão às tarumelas,
Ele ficou sempre à mingua
Para andar em cima delas.

Tónio.

Dizem-me haver codornizes
Para os lados de Covelas,
Já não posso das vezes
Para andar em cima delas.

Ohtebasil.

A' mulher disse: «Eu não sei
Pra que compraste as chinelas?
— Para que foi que as comprei?
Para andar em cima delas.

Daíemla.

Dizem que as ondas do mar
São brancas e amarelas,
Quem me dera ter vagar
Para andar em cima delas.

Tripeiro.

As ondas do mar às vezes,
Pedem todas as canelas,
Ai dos que sofrem vezes,
Para andar em cima delas.

L. Já... sinto.

Mulheres... ai quem me dera!
Não posso viver sem elas,
Vontade sempre eu tivera
Para andar em cima delas.

Horácio Ferreira.

As borboletas são brancas,
Também as lá amarelas,
Ai d'aquela que anda em pancas
Para andar em cima delas!

(Azeiro).

Olegna.

Quis aprender a nadar
Com tuas bóias singelas
Deitei-me às ondas do mar
Para andar em cima delas.

(Vila Real).

Nuno Grande.

Isto não vai com paleio,
Todas as mãos são belas,
Vou arranjar outro meio
Para andar em cima delas.

Delfim de Freitas.

Brincando eu, em miúdo,
Com miúdinhas donzelas
Fazia-me alonso, e tudo,
Para andar em cima delas.

Rei do Orco.

Sejam altas sejam baixas
Sejam gordas, magricelas
Eu cá dou o cavauquinho
Para andar em cima delas.

Ri Vi.

Quando há dias reparei
Nas tuas pernas tão belas,
Ser pulguinha, desejei,
Para andar em cima delas.

Lérias.

Gosto muito de calçar
Certas botas amarelas
Mas tenho bem que suar
Para andar em cima delas.

Amarantino.

Fêz um conjunto formoso,
Quando às tuas pernas belas,
Juntou Deus teu corpo airoso,
Para andar em cima delas.

Zé Barão.

Das sogras de nariz roxo,
Eu sempre dei às canelas,
Quem casar, leve um arroxó,
Para andar em cima delas.

Britoldo.

As ondas do teu cabelo
No centro são amarelas
Queria ser barco rebelo
Para andar em cima delas.

Octávia Maria.

São dois pedúnculos de laranjas
As tuas pernas magricelas,
Que eu não sei como te arranjas,
Para andar em cima delas.

Oidil.

Sobre as ondas a nadar
Avistei duas donzelas
Oh!... quem me dera ser mar
Para andar em cima delas.

Monteiro II.

Teu corpo obeso e pesado
Tem pernas finas e belas
Que precisas ter cuidado
Para andar em cima delas.

Alcino.

Com medo ousou dizer,
Se as flores fossem donzelas,
Borboleta qu'ria ser
Para andar em cima delas.

Galeno.

Se mudassem por dinheiro,
Em mulas certas donzelas,
Far-me-ia cavaleiro
Para andar em cima delas.

Serrano.

Queria ser como as flores
Das mais lindas e mais belas
Andar no peito dos amores
Para andar em cima delas.

Tomaz Diniz.

Essas perninhas que tens
Nem são pernas, são canelas,
Eu não dava três vinténs
Para andar em cima delas.

(Vila Real).

Quim Grande.

Comprei trinta bicicletas;
Dezóito águas amarelas
E vinte motocicletas,
Para andar em cima delas.

(Santo Tirso).

Adriano X. Nel.

O teu cabelo, é um mar
Onde sulcam caravelas
Quem dera saber nadar
Para andar em cima delas.

Só Darco.

Trazes ao peito um tesouro:
Lindas rosas amarelas,
— Quem me dera ser besouro,
Para andar em cima delas!

M. Olga.

Às vezes ousou correr,
Só para dar às canelas
E sinto tanto prazer
Para andar em cima delas.

Pirilau.

Na praia, duas saloias,
Duas formosas donzelas,
Cederam-me as suas bóias
Para andar em cima delas.

Sepol.

Ter linha fina, correcta,
Expressões doces, singelas,
Eis a ciência completa
Para andar em cima delas.

Inês.

A Rosa e a Violeta...
Duas flores das mais belas
... Quisera ser borboleta,
Para andar em cima delas.

Odwauref.

São aos cardumes, aos centos
As mulheres lindas e belas,
Mas é preciso estar atentos
Para andar em cima delas.

Reirobi.

O da Raza é Campeão
Em seduzir mulheres belas
Usa péra d'estregão
Para andar em cima delas.

Lizé.

Só com enorme trabalho
Lhes descobri as mazelas
Cuidado... levem esporas
Para andar em cima delas.

Emissi.

Sobre as ondas navegando
Avistei duas caravelas
E a fazer um barco ando
Para andar em cima delas.

Fantasma Negro.

Marriosa, Marieta,
Marritas, Marimelas,
Quem dera ser borboleta
Para andar em cima delas.

Jardineiro Aranhão.

Um vizinho meu comprou
Três máquinas das mais belas
E logo me convidou
Para andar em cima delas.

Mário Soares.

Atenção — Desta vez damos o primeiro verso da quadra, cabendo ao concorrente a obrigação de fazer os três restantes versos.

E agora toca a glosar esta:

Pedi a Deus que me desse

.....
.....
.....

A quadra que mais se aproximou à nossa foi a de Oidil. Não será premiada, no entanto, por deficiência na metrificacão. Incluimo-la, apenas, para demonstrar a independência com que procedemos sempre.

O prémio de 20 escudos foi atribuido a Lérias.



Margarida vai à fonte

Peça musical em três actos

PERSONAGENS: Margarida, a fonte, o cantarinho, Manuel e o cuco

PRIMEIRO ACTO

O pano ergue-se preguiçosamente a-pesar-de ser quasi lusco-fusco. A cena representa uma vereda juncada de rosmaninho, com as bordas dos caminhos orladas de madre-silvas. Deixou de cantar o melro há uns instantes.

MARGARIDA, saindo de trás dos tojos, com o cantarinho à cabeça. Vem de-pressa e não sòzinha, e cantarola assim, pela bôca que Deus lhe deu:

Margarida, vais à fonte (bis)
Vais à fonte e vens sòzinha.

(falando)

E' o vens! Não que êle prometeu de me esperar! (saídosa e sonhadora) E eu, é que já não sei encher o cantarinho sem que êle me ajude. Tem um getinho, que nunca bota por fora!... (continuando a cantar)

Bota lírios pelo monte
Margarida vai à fonte
Vai encher a cantarinha.

(Tornando a não cantar, e fulando para ela cuja):

E vais mesmo, Margarida! Também é a única coisa que tens de bom em todo o dia. Com êste calor que me remorde o seio, até o cantarinho abre gretas!

Mas logo que o Manel me encontra até o cantarinho parece que ganha asas. As que êle tinha, partiu-as o Manel...

O CUCO (ao longe) — Cú-cú... cú-cú... cú-cú...

SEGUNDO ACTO

O mesmo cenário do primeiro acto, só com a diferença de ser num outro local, não

ser juncado a rosmaninhos e ter uma fonte mesmo ali à mão.

A FONTE (de bôca aberta) — Glu, glu-glu-glu, glu-glu.

MARGARIDA (encostada ao parapeto, saudosíssima e triste):

Vais à fonte e vens sòzinha...

(Declamando) Que é feito de ti Manel, que me não ouves nem crês? Onde estão as tuas juras? O teu retrato e as tuas cartas, hei de fazê-las em cavacos!... (toma attitudes).

MANEL (como se saísse do meio das sombras que já tinham chegado sem o anúncio obrigatório. Num grito como se fôsse actor de ópera) — Margarida!...

A FONTE (sufocada de medo) — Glu-glu, glu-glu!

MARGARIDA (caindo-lhe nos musculosos braços como avezinha implume) — Manel! Querido Manel! Julguei que já não me querias.

MANEL (revendo-se nos olhos dela) — Quero-te com aquilo que de mais sagrado tenho em mim...

O CUCO (ao longe) — Cú-cú... cú-cú... cú-cú...

TERCEIRO ACTO

O mesmo cenário do primeiro acto. E' bom dizer-se que já se não via mesmo nada. Até que um luar, um luar clarissimo nasceu...

MANEL (ajudando Margarida a erguer-se. Num grito) — Margarida! Que foi isso?

MARGARIDA — Não foi nada! Escorreguei e caí...

MANEL — Admira! Já estás tão habituada. O caminho é sempre o mesmo... E agora?

MARGARIDA — Agora, tenho de ir tôda húmida para casa. (rindo-se) O pior é o cântaro: está de beicho rachado.

MANEL — Isso não faz mal. Bota-se-lhe um gato.

MARGARIDA — Já não pega, Manel!...

MANEL — E como hás-de tu beber?

MARGARIDA — Não te dê quezília isso. Dehoje em diante eu meto a bôca na bica. Adeus, Manel!

MANEL (desgostoso) — Adeus Margarida!...

MARGARIDA (indo-se):

Margarida vais à fonte (bis)
Vais à fonte e vens sòzinha.

(Sempre numa obsessão) — E o vens! E' ali, juntinha a êle que é uma consolação. (distancia-se pelo caminho além e só se lhe vê o busto a abanar...).

O CUCO (ao longe) — Cú-cú... cú-cú... cú-cú...

ZÉ REDINTE.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A peça em 3 actos Fascinação.

Rivoli: O 2.º capítulo de Os 3 mosqueteiros.

Olimpia: Os magníficos filmes Frankenstein e O deserto da morte.

Trindade: O grande êxito sonoro Melodia Cubana.

Batalha: O filme policial Arsène Lupin (o rei dos gatunos).

SO

ESC. 1



... GENUÍNO ...

POR UM AUTÊNTICO E

ATWATER KENT

O RÁDIO DE VOZ DE OIRO



- MODELO 155 -

SUPERHETERODINCO

5 VÁLVULAS

ELECTRONIA, L^{DA}

Praça da Batalha, 119. Telef. 5800 - PÔRTO